

Tribuna Espirita

PUBLICAÇÃO QUINZENAL DE ESTUDO E PROPAGANDA

1 DE OUTUBRO DE 1911

ASSIGNATURAS

BRAZIL — Anno..... 3\$000 | ESTRANGEIRO..... 4\$000

Numero avulso, 100 réis

REDAÇÃO E OFFICINAS ••• Rua da Alameda, 181—Telephone 1119

Inc. 1111001
Esc. Quinhentão
Amsterdam

55 a verdade vos fará livres.

José Chaves

Num. 19

O maior mal é a ignorância da verdade.

Platão

Anno 5.º

Expediente

Toda a correspondência deve ser dirigida ao gerente José Ferreira.

BRINDE

A todos os que reformarem ou tomarem uma nova assinatura deste jornal para o 5.º anno daremos, como brinde, a vista do recibo, um excelente retrato de Léon Denis, em photographura medindo 9,35 X 6,25.

Tres de Outubro

E' de grande satisfação para o coração de todos os espiritas a data que acima estas linhas, porque ella marca o dia em que o nosso mestre Allan Kardec penetrou na treva da carne, como portador da luz divina que hoje nos felicita guiando os nossos passos na estrada firme e com rumo seguro á patria do infinito, que é o grandioso patrimonio por Deus destinado a todos os seus filhos como premio a cada um pelo esforço proprio, e fructo de sua sabia e divina lei de justiça e de Amor.

A memoria do nosso mestre revive cada vez mais em nossos corações, como justo preito de nossa gratidão ao seu alevantado espirito; damos, pois, graças a Deus por nol-o ter enviado, e a Jesus seu Mestre, seu Guia e nosso Senhor, de quem elle foi directo, sincero e leal delegado.

Não é que sejamos sectarios como muitos por ahi se inculcam, fomentando a cisania no seio da familia espirita, dizendo este: — eu sou kardecista — aquelle, em seu roustainguista, aquelle outro scientista etc., etc.

Nós somos simplesmente filhos de Deus e discipulos de Jesus.

«Approximai-vos da verdade e ella vos fará livres», disse o Christo.

E nós, procurando-a onde ella se nos depara, temos o desejo sincero de a conhecer e assim a vamos encontrar disseminada em todas as obras dos grandes mestres, em fórmulas e côres diferentes, embora, mas formando no seu conjuncto o bouquet da verdadeira sabedoria.

A obra de Allan Kardec é já patrimonio da humanidade; é mais uma gemma, incorporada á sua fortuna secular, pois atravez as suas buriladas facetas se distinguem os inebriantes brilhos da ciencia, da virtude e do amor.

Discutivel como tudo que é obra humana, possui ella, a dupla vantagem que nenhum dos seus predecessores, os fundadores de outras philosophias, possuiram para outorgarem aos seus discipulos e continuadores.

A primeira é o direito de discutir e acceptar ou não, tudo quanto nos fosse ensinado por quem quer que fosse, deixando assim aos seus discipulos o livre campo para exercerem o raciocinio, o funcionamento da sua razão, como a unica base da verdadeira fé, da unica crença compativel com a nossa época, com o progresso já realizado pelos nossos espiritos.

A segunda é o corollario logico dos principios basicos da nossa philosophia, ensinando-nos que «Illa é immorredoura porque é progres-

siva, pois as gerações estudiosas do futuro irão progredindo incessantemente, caminhando para novas conquistas de saber, para o conhecimento de novas leis, que o Espiritismo irá reunindo e incorporando ao seu patrimonio, como fructo sazoadado pela experiencia, como cabedal enthesourado pelo trabalho, lei divina que rege todos os seres e todas as coisas impulsionando-os de simples germes a proporções gigantescas na florescencia bellissima de uma inimaginada grandeza.

Por este modo, nós nos achamos muito bem ao lado de nosso mestre estudando com elle os primores da nova Revelação de que foi o missionario, e não deixaremos de estar á nossa vontade tambem junto de qualquer outro que sem contrariar os pontos cardeaes de sua doutrina, os queira, racional e logicamente, ampliar, neste ou naquelle detalhe, como consequencia de estudos feitos posteriormente, e fructo do progresso realizado meio seculo e alguns lustres após a sua compilação.

Do que jamais seremos partidarios é dos exclusivistas e anathematizadores, daquelles que condemnam á priori tudo e a todos os que não vêem pelo seu prisma, ou não medem as suas convicções pela craveira que lhes desejam impôr.

Condenhamos tudo que nos cheira a sectarismo, quer seja formado em torno do nosso mestre quer de Mahomet, de Budha, ou do Papa de Roma.

A familia espirita deve amar-se e unir-se, não pela uniformidade dogmatica que liga apparentemente os crentes das religiões positivas (que no emtanto apenas representam os carneiros de Pánuργο), mas como crentes pelos conhecimentos dos laços indissolúveis que ligam os seus destinos a um futuro melhor de solidariedade e de paz, filhos que somos de um só Pai que é Deus; como aquelles que sabem que, qualquer que seja a differença apparente que os divide em opiniões, elles se acham ligados pelas idéas basicas, pelas certezas que não devem e não podem mais ser abaladas por essas divergencias minimas que o futuro virá desfazer como a aurora desfaz as ultimas sombras da noite.

Essas dissensões só servem para enfraquecer a nossa acção benéfica, e retardar a obra do bem de que muito e muito nos devemos preoccupar.

Já dizia Jesus: «apagiguae as vossas dissensões para que a obra fique bem feita».

Escutemos o seu conselho, e unamo-nos em torno do nosso mestre.

Amemos a sua obra na pessoa de seus discipulos, lembrando-nos que «o melhor espirita será aquelle que for bom christão».

E nós que o desejamos ser, ouçamos ainda o que neste sentido ensinou Jesus aos seus apostolos.

«Um mandamento vos quero deixar: amai vos uns aos outros como eu vos tenho amado, e assim conhecereis que sois meus discipulos».

Ninguém em nossos tempos amou mais aos seus companheiros, aos discipulos e modernos apostolos de Jesus, do que Allan Kardec. Sigamos o seu exemplo, amemo-

nos auxiliando-nos em pensamento e acção, esqueçamos as divergencias que muitas vezes são filhas do nosso amor proprio.

Será essa a melhor forma de lhe sermos agradaveis como seus discipulos, e de commemorarmos as datas que são caras ao seu espirito, como marcas de seu progresso e fructo do maior dos amores por nós conhecido: o amor de Jesus pelo servo fiel, pelo seu austero e leal emissario.

Unamo-nos em nome do mestre, amemo-nos em nome de Jesus.

Olvidemos as fraquezas da Terra em nome d'Elles que nos vieram ensinar que somos filhos do Céu.

O Espiritismo nos tribunais

O trabalho dos inimigos do Espiritismo, movidos, além do mais, pelo interesse pecuniario, acaba de prestar á nossa doutrina importantissimo serviço.

Mme. Niolet, recentemente desencarnada em Paris e que possuia uma fortuna de cerca de 400.000 francos, deixou os seus bens, por testamento, a quem muito bem lhe pareceu, desherdando aquelles dos seus parentes que, no seu modo de ver, não mereciam ser contemplados.

E estes requereram á primeira Camara do Tribunal de Justiça a nullidade do testamento, justificando essa pretensão com a allegação de que Mme. Niolet era espirita e portanto demente.

Esse facto deu occasião, além dos commentarios em seu torno obrigando o publico a interessar-se pelo que nos diz respeito, a que o Juiz substituto Sr. Gail, chamado a dar parecer sobre a questão, o fizesse de modo a declarar-se partidario da realidade dos phenomenos espiritas, parecer esse e conclusões que o grande diario parisiense *Le Matin* publicou qualificando de curioso.

Eis as passagens principaes dessas razões:

«... Aqui abordamos a parte mais delicada da questão.

«Que se deve pensar das sciencias occultas? Conclue-se que, só pelo facto de Mme. Niolet se dar á investigação dos problemas do Além, estava attingida nas suas faculdades mentaes.

«Cuidado!

«Se a forma bizarra, estranha, infantil das communicações dos espiritos lhes pôde trazer aos álbios um sorriso algum tanto sceptico, não os seus transformal-os num autismo lançado á face d'aquelles que creem no occultismo, nem quebrar, sob essa unica impressão, as disposições ultimas de um morto.

«Se ha pessoas pouco escrupulosas, que, accusando da credulidade dos seus semelhantes, se servem do espiritismo para roubar-lhes, deveremos por isso lançar a mesma accusação sobre todos os que honestamente, com inteira lealdade se entregam á pesquisa do futuro? «A sciencia traz todos os dias uma nova surpresa.

«Ha alguns seculos teriam sido tratados de loucos os que tivessem affirmado poder conversar, através dos espaços, com amigos habitando a centenas de kilometros, sem que revelassem aos olhos do publico os meios de transmissão. Sob a inquisição, elles teriam sido queimados, para edificação dos seus semelhantes! Cuidado! Não nos deixemos cabir em tais excessos!

«Se me fosse permitido dar-lhes uma impressão pessoal, após as dos sabios cujos nomes e autoridades foram invocados, eu dir-lhes-ia que, en-

tendendo que um magistrado deve tudo conhecer, tive outr'ora a curiosidade de me procurar instruir sobre o que podiam ser as sciencias occultas e isso em condições de sinceridade e lealdade absolutas.

«Guardai d'essas experiencias a impressão multissimo nitida de que existe alguma cousa de perturbador que ainda escapa á maior parte das nossas intelligencias, insufficientemente apuradas, mas que um espirito largo e esclarecido não poderia desconhecer sem um firme proposito. Seja como fór, o facto é que eu vi o bastante para conceber e admitir que outros, mais bem preparados do que eu, se occupassem activamente do estudo das sciencias occultas.

«Vi o bastante para dizer que não podemos negar certos phenomenos que escapam ainda á explicação da nossa intelligencia e isso é o bastante para que possamos affirmar que o facto de se entregar a alguém ao estudo de espiritismo não poderia equivaler a uma diminuição, a um enfraquecimento da sua intelligencia».

E o digno magistrado concluiu pela validade do testamento de Mme. Niolet.

O *Matin*, que noticia esse interessantissimo acontecimento, qualifica como dissems, de «curiosas» as razões do Sr. Gail.

O adjectivo adoptado pelo grande órgão da imprensa mundial é que nos parece... curioso.

PEREGRINOS

DO PROGRESSO

II

Certa vez, um desencarnado bonacheirão, um brahmane por signal, contou-nos a seguinte historia, muito parecida com as que se encontram nos livros de contos para meninos:

—Havia em certa região do Himalaya uma flor de rara perfeição. A sua grandeza, que a fazia dominar como uma rainha entre as demais flores, alliaa cores tão vivas, que se diria terem sido as suas petalas brandidas por algum lapitario amoroso da sua profissão. Suavissimo perfume evolava-se-lhe da corolla magnifica, trespallando pelas quebradas silenciosas por onde só os grandes sacerdotes podiam subir, porque somente elles conheciam as veredas inextricaveis que iam dar á chã onde a primorosa flor se ostentava orgulhosamente sobre uma haste dourada pelo sol. Algum indio mais intrepido—já a esse tempo Albion passeava pelas encostas do Everest e do Dawalagire—mal tinha, de longe e indistinctamente, mais adivinhado que visto aquelle espécimen unico da flora hindostanica. Nascida, para os profanos, na mysteriosa solidão da cordilheira sagrada, mysteriosa permanencia, apenas admirada pelos olhos dos grãos-principes dos templos secretos, que a olhavam—sempre eram principes...—como um talisman que o seu deus de quatro caras lhes havia enviado dos céos.

Succedeu, porém, que um fakir, curioso e pertinaz, descobriu o fio que conduzia no labyrintho de caminhos quasi invisiveis a outros olhos que não os seus. Depois de mil voltas, idas e vindas sobre o mesmo terreno, fadigas, descanços, tentativas de renuncia, etc., o curioso monge, pois que o era, conseguiu attingir o que um poeta d'aquelles e dos nossos tempos chamaria— a des-jada meta.

Era elle um fakir um pouco differente dos seus collegas. Assim, entre admirado e investigador, não vacillou em arrancar uma das grandes flores maravilhosas, e, como o sol ardia sobre a cabeça e a terra queimava sob os pés, não hesitou em resguardar-se da canicula á sombra das gigantescas petalas.

Visto pelos sacerdotes, perseguido por elles, o fakir, homem agil e vigoroso, desceu em carreira desapoderada pelas encostas, até que se poz a salvo dos seus mestres, adversarios então e inimigos de ahí para diante.

Quebrara-se o talisman. Um profano (o fakir é um profano entre os grãos-sacerdotes; que dirão elles de qualquer de nós!), um profano ma-

culara com o seu contacto a flor agustava que já sem a sua grandeza, mais tarde, sob o nome de lotus, e consagrada á terrivel deusa Kali, seria um symbolo de exterminio como o estrangeiro. Descoberto o segredo, perdida está a virtude.

O fakir, a quem não era desconhecida a existencia da extraordinaria planta, principiou interpondo entre elle e os seus sacerdotes um par de centenas de leguas, o bastante para viver tranquillo a respeito de algum golpe de mão contra a sua quasi sagrada pessoa.

Passaram-se os annos. A flor conservava a sua magestade e o seu perfume, cada vez mais embriagador. Em torno do fakir, que adquirira veneraveis barbas brancas e nos ouvidos chumaços de cabellos não menos brancos, reunira-se um numero consideravel de admiradores do hodierno lotus, e como era homem pratico, resolveu, uma vez que dera o primeiro passo, dar outros mais. Se bem o pensou, melhor o fez. Fundou uma seita, ensinou os seus principios, diffundiu mancheias de ensinamentos moraes pelos novos adeptos, e depois de ter derramado bastante sangue e destruido muitas resistencias espirituas, partiu para o setimo céu, onde Brahma o acolheu com o carinho devido a um dos seus mais vigorosos logares-tenentes. A ambição do fakir fora paga no cestuplo do que elle desejava... Sentado a uma das direitas do deustinha, quando mais não fosse, o prazer de vel-o frente a frente, qualquer que fosse a posição em que elles se achassem...

Vamos agora procurar comprehender a historia do brahmane, a qual se nos afigura de uma nebulosidade quasi fantastica. Escura por toda a parte: Escura talvez como a intellectualidade desses homens que, olhando para o firmamento, indagam de si mesmo em que ponto se encontrará o Eden, ao mesmo tempo que lançam um olhar de soslaio, receosos de ver o Diabo (com D maiusculo) surgir-lhes pela frente ou pelas costas...

Ha muitos seculos já, um homem de boa vontade e coração magnanimos desceu á Terra. Flor maravilhosa do espaço, onde brillam do viço eterno outras flores não menos bellas, elle, escolhido entre os seus pares, occultou-se á sombra da carne, como a flor do Himalaya á sombra dos bosques sagrados, e, occulto aos olhos dos sabios e dos ignorantes, começou a exercer a sua influencia magnetizadora sobre todos os que o ouviam. O numero dos seus adeptos augmentava de dia para dia. De toda a parte accorriam multidões para ouvir a sua palavra serena e amorosa, palavra em que havia sempre a desculpa para o erro commetido, a previsão para o erro possivel e a certeza da expiação dos delictos praticados.

Nunca falara em nenhum deus, nunca inspirara o terror de um inferno inexistente, nunca fizera selecção entre ricos e pobres, entre fidalgos e plebeus, entre sabios e ignorantes. O seu verbo, sonoro como um epinio, nivelava todos, porque todos eram iguaes perante a morte.

Falava a todos de mundos onde habitavam outras humanidades, planetas dourados como um raio de sol, ou negros como a treva da noite. Eram as diversas moradas da casa de nosso Pai, as quaes, dizia elle, todas se communicavam, por meio do azul dos espaços, como se fora um sopro de briza que agitasse ao mesmo tempo todas as folhas de uma arvore. As suas imagens, os seus apologos, os seus exemplos, eram repassados da mais pura ternura fraternal.

Os homens commoviam-se ao ouvir-o, as mulheres olhavam-no como um ser sobrenatural, as crianças eram por elle irresistivelmente attrahidas. Para elle corriam os tuberculosos, os contaminados de lepra, os corroidos do cancro. Ulcerae horrendas, feridas nauseabundas, destroços de corpos chagados, tudo se reunia em volta delle, implorando allivio, curvando a cabeça aos desenganos, bebendo-lhe as palavras, cingindo-o em olhares de admiração, de reconhecimento, de amor.

Era bello de ver-se.

MUSA ESPÍRITA

A Allan-Kardec

O Bem

Oras e crede, pois a morte é a
resurreição, e a vida a prova so-
ciedade, mediante a qual se mos-
tra a virtude do homem cultivar,
crescer e desenvolver como a
colmeia.

O Espírito de Verdade.
(Evangélio, Cap. VI)

Treva almeida, o afluente, a dor
Reflete o fluido em redor da Terra!
Negras nuvens relaxadas guerra,
Sangrento fratricídio, horror!

Oh! misero torção, tens tanto domador,
Tanto odio e tu seia ainda encerra!
Que na phalange que nos avos erra,
Não vislumbra Jesus—Consolador!

Espírita, eis cumpri vossa missão,
Tornai aos homens a cruz da redempção,
Voltae a alar, para a grande luz!

Procuramos as faltas expurgar,
Cumpro a vossa Paz hoje implorar,
Kardec e Jesus estão com Jesus!

(An illustre confrade General Febrônio de Brito)

Quereis a luz, quereis o amor, quereis a paz,
Neste estranho mundo: praticae o Bem:
Sem elle, a Perfeição é mentira fugaz;
Infeliz, ao seu lado, nunca foi ninguém!

Transformae em escolas os vossos arsenaes;
Das escolas fazei ardens: Ide além:
Bani a corrupção, o luxo e tudo mais
Que seja vil: dai pao áquelle que não tem!

Só depois de tudo isso terdes praticado,
Quando não existir mais ninguém desgraçado,
E' que conseguireis a paz universal!

Não—essa que a moderna civilização
Ambiciona faze-la a tiras de cambio:—
Mas—a que ha de surgir do Bem, da sã Moral!

M. DE SIQUEIRA MELLO.

ROSEN.

Mainangape, 1911.

O PERISPIRITO

Não é possível que haja dúvida a quem observa um facto; neste caso, aos que são medium, cabe certa primazia, ainda não tendo conhecimento dos phenomenos que tantas vezes tem si' o notados por homens eminentes.

Hi, um mez, mais ou menos, deuse um fact' di: de ser trazido á luz.

Ello: Uma senhora residente á rua Sergipe, vira seu pae entrar no seu aposento ás onze horas da noite, estando a casa fechada; entretanto o referido hospede residia na rua Soledade.

Apavorada a senhora, que achava-se em estado que não podia soffrir perturbação, começou a chamar as pessoas da familia, a quem contou o que havia visto.

Ainda continuava ella a narrar o facto, ouviu-se bater á porta e, quando a abriram, uma pessoa vem trazendo a seguinte mensagem: — E' mo to o velho; apenas parti desta vida, vim avisar aqui o que succederá. Minutos antes de sua partida, assim fallou: Vou despedir-me de algumas pessoas; não chorem por mim, irei habitar um lugar melhor que este, pois já vi-o e senti ainda voltar a esta terra, aonde só tenho passado immensos tormentos.

ALFRED A. DE BRITO.

Themas philosophicos

XI

Faz-se mister agora apreciar o problema da constituição inherente á materia segundo as vistas arrojadas dos investigadores da actualidade.

Como precursor d'esse renovamento que vae abarcando o dominio integral das sciencias naturaes, força é reindicar para Graham tal posição de destaque entre as mentalidades contemporaneas de seus trabalhos penetrados de um largo sopro de genialidade.

A decomposição do atomo em outros elementos infinitesimais pertence-lhe, indiscutivelmente.

Graham chegou a esta hypothese por uma forma intuitiva, por um descortino semelhante ao de Richat na biologia. Em sua epocha a chimica estava longe de architectar edificios theoreticos como os que devemos á penetração philosophica de Gibbs.

Aquelle pensador fraccionava o atomo em particulas de menor dimensão ás quaes denominava de *ulimatas*.

«Estas particulas seriam iguaes entre si qualquer que fosse o corpo de onde proviessem».

A variedade observada nas substancias submettidas á analyse, procedendo de movimentos oscilatorios que as animam.

Assim, a unidade da materia se encontrava ali bem lucidamente definida. Em condições analogas se achava tambem a idéa da transmutação dos metaes ora rejuvenescida graças aos estudos de Curie sobre o phenomeno da radio-actividade.

Bastaria transformar convenientemente o movimento peculiar ás *ulimatas*.

Por este esboço percebe-se a genese das novas concepções de Arrhenius e de Gustavo Le Bon sobre os *ions*.

O primeiro destes sabios acompanhando a electrolyse dissolução salinas concluiu pela presença de moléculas dissociadas em proporção consideravel e cognominou de *ions* os elementos electrolyticos. D'ahi a complexidade do atomo já confirmada, se-

gundo Perrin, nas investigações relativas aos raios Roentgen.

Gustavo Le Bon apprehendeu a questão conduzindo-a a dilatadas consequências por uma serie de subtils experimentações cuja resenha vem estampada na «Evolução da Materia».

Suppõe-se hoje o atomo como representando um systema planetario em miniatura.

Os iões carregados de altas tensões electricas, positivas e negativas, aprisionam quantidades de energia verdadeiramente prodigiosas. Não são irreductíveis.

Antes se dissagregam com o decorrer de immensas durações.

D'ahi a famosa desmaterialização da materia que veio abalar, pelo menos apparentemente, os fundamentos da lei capital de Lavoisier.

Parce-nos, emtanto, aventureiro exagero do eminente cientista, tal affirmativa. Só é admissivel no ponto de vista restrictivo assignalado em sua coordenação theorica.

E de facto: Le Bon considera o ether como immaterial. Nestas condições, os corpos emittindo radiações incessantemente, se parcellizam, perdem a individualidade. Ha uma desseminação no meio cosmico. A balança chimica nenhum alcance mais pode evidenciar quanto a pesquisa do peso: a substancia se impponderabiliza.

Mas, perguntamos, nessa passagem se anniquila ou se transforma?

No primeiro caso, o principio de Lavoisier cabiria por terra irremissivelmente.

No segundo continúa a persistir embora os nossos instrumentos de especulação sejam imotentes em absoluto para verificá-lo por processos satisfactorios. Ao demais, pode-se admitir o ether como sendo immaterial?

Se o fosse occuparia um logar qualquer no espaço indefinido?

A physica moderna o considera fluido; logo, é um corpo, tem substancialidade.

«O ether, diz E. Picard, parece á primeira vista gozar de propriedades contradictorias, visto que, como fluido de densidade muito fraca, oppõe uma resistencia insensivel ao movimento dos planetas; enquanto que, por outro lado, transmite, como um solido, vibrações transversaes».

Para sentir-se a precedência do Espiritismo no tocante ao phenomeno que Gustavo Le Bon initialou imprópriamente a desmaterialização da materia, basta reproduzir o que alguns accentuamos nas palavras seguintes:

«As condensações materiaes, por mais espessas que se apresentem á nossa observação, são passíveis de um desagregamento instantaneo que as vae novamente integrar no fluido cosmico de onde sahem d'pois para percorrer outros cyclos de evolução indefinida».

Ahi não ha anniquilamento, ha metamorphoses dando origem a elaborações d'equilibrio na massa total que constitue o substrato ultimo da natureza physica.

Os ensinos espiritas não versam propriamente sobre a essencia intima da materia.

Esgondrar chimeras que se diluem com extrema fugacidade foi sempre a tendencia ruinosa d' metaphysica.

O Espiritismo avança apoiado na sciencia e não se permite divagações improficuas nem o abuso imaginativo que exauriu quanto systemas lhe antecederam na coordenação de uma synthese abrangendo ou tentando abraçar a phenomenologia universal.

Este avêrto, apparentemente audacioso, resulta da exposição de suas vistas concernentes ao assumpto que ora nos preoccupa.

Todos os corpos derivam de uma substancia unica, homogenea, invisivel e imponderavel, disseminada sem solução de continuidade no espaço infinito: é o fluido cosmico que representa o estado inicial da materia.

Depois dos estudos de Hera, Thomson e Ramsay seria quasi loucura contestar a existencia d'esse elemento gerador no seio do qual residem collosaes dynamismos, sendo a gravitação uma de suas mais imponentes manifestações. A physica do ether assenta inteira sobre essa realidade que no tempo de Augusto Comte era apenas uma formosa hypothese indispensavel á coordenação logica de certas theorias scientificas.

Michelson, Lippmann, Wiener, Du Buat e sobretudo Boussinesq transpuzeram victoriosamente os muros interpostos entre a cosmologia do passado e as ampliações magnificas sobrevidas ao fluxo das descobertas do presente.

Uma d'ellas e das mais decisivas foi a do estado radiante apprehendido por Crookes ao divisar os effectos dos raios cathodicos.

Serviu de ponto de partida para uma serie admiravel de investigação tendentes a alargar, por forma inesperada, os horizontes da mechanica dos fluidos.

Foram recusados os confins da materia.

Esta declaração foi feita pelo proprio orador ao terminar a sua conferencia.

No Domingo 17 do corrente: Neste dia e a convite da Directoria da Federação Espirita do Estado do Rio, cuja sede propria acaba de ser inaugurada á rua Coronel Gomes Machado, Nictheroy, lá fomos fazer a 1ª de uma serie de conferencias que essa associação pretende levar a effecto.

Esta foi dividida em duas partes de 40 minutos cada uma, cada uma, pelo seu proprio matiz. A primeira, de passagem, n'ista Capital, foi dada pelo confrade Sr. Luiz de Mattos, presidente do «Centro Amor e Caridade» de Santos, deus-nos elle o praser de acompanhar-nos em nossa digressão a Nictheroy.

Uma vez ali e porque seria de todo o ponto interessante para os presentes ouvir algo daquello que, tendo sido materialista durante 50 annos, se tornou afinal um espirita militante, convicto com pouco, pedimos-lhe então para acceder a tão justificado desejo, ao que elle attendeu dizendo que é soldado de uma idéa e que para tratar della está sempre prompto.

Eis, chronologicamente, o que se passou no vasto salão da Federação Espirita do Estado do Rio, cuja assistencia era bastante numerosa.

As 6 1/2 horas da tarde o confrade presidente da Federação apresenta ao auditorio o nosso companheiro Ignácio Bittencourt, como iniciador de uma serie de conferencias que ali serão realizadas.

O nosso companheiro agradece as lisonjeiras referencias feitas á sua pessoa e á «Tribuna Espirita» e apresenta ao auditorio o nosso confrade Mattos a que já nos referimos, dando, então inicio á conferencia.

O orador faz algumas apreciações sobre a Fé que considera indispensavel para a prece. Explica como se deve orar e visto estar-se num templo de Amor e Caridade convida a assistencia a orar.

Feita a prece, o conferencista continúa a interrompida apreciação sobre Fé e Crença analysando-as dentro das tres principais religiões até agora dominantes mas já em decadencia e os resultados obtidos pela falsa orientação que, por estas, áquellas foi dada.

Fala da morte, desse tremendo dia que as religiões citadas apresentam á humanidade como termo de todos os erros e de todos os meritos, dia em que, segundo ellas, se recebe o premio eterno conforme o merecimento ou eterno gozo ou eterno martyrio!—Liquidação final do ser, emfim.

Eis a erronea crença incutida pelas religiões, até agora, na humanidade e para o que se servem dos ingredientes indispensaveis como sejam o inferno com suas fornalhas e o céu com seus chimericos gosos na indolencia perpetua!...

Mas a sciencia, diz o conferencista, no seu programma, e o conhecimento do poder Divino por ella, vão fazendo desaparecer as velhas theorias.

Tocaram-se os extremos no nosso mundo. D'um lado a sciencia desbarbando, do outro a ignorancia presa ao fanatismo.

Abrio-se um abismo!

Qual dellas devia vencer?

Difficil seria saber-o, mas eis que apparece o Espiritismo como mediador. E o conferencista descreve o Espiritismo na sua origem, mostra qual a sua base e elucida a assistencia sobre a sua importante missão.

Referindo-se á crença espirita diz que ella se apoia na Fé que dimana da Razão. Não nessa fé cega das religiões em decadencia; e o orador vae descrevendo o caminho por onde a Fé racional nos conduz para a felicidade a que todos temos direito e que jamais nos será negada.

Fala das vidas successivas, como indispensaveis a essa felicidade e dellas faz algumas apreciações em relação ao adiantamento do espirito.

Descreve em seguida o céu e o inferno tal como o Espiritismo nos vem mostrar e a razão plenamente consente, isto é, no céu e no inferno que cada um construe em si mesmo, segundo os seus bons ou más actos, e por ultimo fallamos da cavidade e amor para com Deus e o proximo como indispensavel caminho que nos conduzirá á desajada felicidade que nunca nos será negada e se obterá pela caridade sem limites ou restricções, pois que *tem caridade não ha salvação*.

Toma em seguida a palavra o nosso confrade Luiz de Mattos, o qual começa por desejar a paz de Deus a todos os ouvintes, pois estando ella com todos, todos seremos felizes.

Em seguida lê uma definição da prece feita por um dos guias do «Centro Amor e Caridade» e faz a prece de Charita.

Após, diz que vae mostrar como se tornou espirita, embora tenha que resumir, porque essa descripção em todas as minudencias, levaria demasiado tempo.

Diz que, como materialista que foi durante 50 annos estudou todas as sci-

A fama das suas virtudes transpuzera as montanhas da Judéa. O seu nome era citado em cada lar. A sua gloriosa fama penetrava todos os ouvidos. Nenhum homem daquelles tempos deixava de ter ouvido falar em Jesus, porque era elle.

Um dia, um doutor da lei, cioso das glorias do judaismo, levantou primeiro a voz accusadora contra o homem que ousava pôr em duvida a palavra dos livros santos. Era um sacerdote, punido com a pena ultima. Davidar dos livros sagrados era implantar a sedição popular. Era a destruição das aras dos templos. Era a ruína dos idolos, o extermínio das synagogas, a extinção da força immensa de que dispunham os sacerdotes.

Começaram a vigial-o nas suas menores acções, a procurar surpreender um delicto em cada uma das suas palavras, a apontar cuidadosamente o que elles chamavam sacrilegios e blasphemias. A sentença de morte tinha sido escripta desde que se ouvira a primeira accusação. O tempo, accumulando novas faltas, segundo capitulavam os doutores, encarregar-se-hia de pronunciar por cem mil boccas o *verdictum* nefando.

E como o dia se approximava... Deixemos, porém, para o proximo numero a continuação da exegese do conto do brahmane.

SPA.

Conferencias de Propaganda

Ainda hoje cumprimos o dever de dar aos nossos presados leitores os resumos das ultimas conferencias levadas a effecto por esta folha.

No Domingo 19 do corrente:

Neste dia e para satisfazer insistente pedido fomos de novo a S. Gonçalo de Nictheroy, sendo a conferencia como d'avez primeira, na sala do Grupo espirita local.

Às 7 h. e 15 m. da noite com assistencia bastante numerosa, o nosso companheiro Bittencourt toma a palavra e começa tratando dos deveres do espirita nas reuniões e na vida publica, deveres esses que tem como correlario o amor a Deus sobre todas as coisas e ao proximo como a nós mesmos.

Para demonstrar o dever do espirita, o orador tem necessidade de falar das demais crendas religiosas, sem contudo lhes faltar ao respeito que irreverencia todas as coisas que tem algo de utilidade, *maxim* as religiões, que todas prestam ainda alguns serviços á humanidade.

Faz, pois, um retrospecto historico das diferentes religiões que mais adoptos têm tido no nosso mundo e termina provando que a nossa doutrina, por ser o reviver do puro christianismo, não impõe dogmas nem ritos de especie alguma, tal como o seu fundador Jesus, e que apenas exige dos seus crentes a pureza de sentimentos e a elevação de caracteres.

O conferencista refere-se á necessidade do estudo por parte daquelles que aspiram a collaborar na grande obra da propaganda, por meio da qual que é o melhor exemplo, e indica a necessidade de haver nessas reuniões a maior fraternidade e o desejo de estudar bem a parte theorica da doutrina antes de passar-se á parte pratica, pois, assim não sendo, assiste-se aos centenares de obsecções que observam, não raro, victimas da má orientação daquelles que tu lo querem obter sem se darem ao trabalho de estudar a razão de ser e os porquês dos phenomenos insolitos da actualidade.

O nosso companheiro lastima a cegueira da maioria dos intellectuaes deste seculo, que não tem crença, que tudo negam desde que não possam apalpar e diz que o Espiritismo veio exactamente para abrir os olhos aos céegos que não querem ver, porque é chegado o tempo de todos collaborarem na obra commum.

Terminada a conferencia que levou pouco mais de 1 hora, usaram ainda da palavra os confrades: orador do Grupo de S. Gonçalo e Euclides Leite, como representante da Federação E. do Rio.

Esta conferencia foi noticiada nos jornaes de S. Gonçalo e de Nictheroy como sendo feita pela federação E. Brasileira. Como porém, essa veneravel sociedade de que somos socios não tem a menor interferencia na propaganda que vimos fazendo, e para que do futuro não possam accusar-nos de um facto grave, como o de agirmos em nome de uma personalidade que não deu auctorização alguma, aqui deixamos a declaração formal de que nas conferencias de propaganda que encetámos e cujo exemplo tendo seguido, graças a Deus, por diversos confrades do Interior, agimos, á semelhança dos apóstolos de Jesus, por conta propria, co no francos atiradores que somos.

AS NOSSAS EDIÇÕES

Ainda hoje transcrevemos para estas columnas algumas opiniões de distintos collegas sobre as nossas edições de propaganda.

O ROCEIRO E O VIGARIO. — O nosso digno collega «Tribuna Espirita», que está prestando grandes serviços á vulgarização do espiritismo, não se contentando com o excellentes serviço da sua acção no jornalismo, vai de vez em quando offerecendo á publicidade alguns opusculos de rapida leitura, que como doses homeopathicas de remedio, produzem boas curas nas intelligencias doentes, atacadas pelo erro.

Achamos magnifico este meio de capturar adeptos, pois os livros volumosos causam até pavor, principalmente aos nossos patricios que pouco amam a litteratura e são avessos ao estudo theorico de qualquer ramo da sciencia.

O ROCEIRO E O VIGARIO é porém um folheto que se lê em uma viagem de bordo tão ligeira e desataviada é a sua linguagem, ao alcance de qualquer pessoa. Escrito em forma de discussão por um padre e um roceiro, como o titulo indica, nelle são mostrados os erros da Igreja e as verdades do espiritismo.

Essa habil controvérsia se deve ao nosso distincto confrade Deocleciano Fontenelle Pacheco, residente no Ceará, ao qual felicitamos, agradecendo á Casa Editora Psychica e á «Tribuna Espirita» a offerta de um exemplar.

Do Espirita Mintiro.

O ROCEIRO E O VIGARIO. — E' este o titulo de mais uma magnifica obra espirita editada pela dedicada collega «Tribuna Espirita».

O folheto que a illustra e infatigavel collega acaba de fazer circular, do qual teve a fineza de enviar-nos um exemplar, é da lavra do sr. Fontenelle Pacheco que se estrea na propaganda do Espiritismo com uma obra realmente boa, não só pela simplicidade da linguagem como tambem pelo meio engenhoso de que se serviu para falar á alma dos mais desfavorecidos da intelligencia.

Abnegados e confrades que são estes da «Tribuna Espirita», nucleo de abnegados, que bem grande numero de limitadores deveriam possuir no nosso praiz, onde tão á miúdo se encontram adeptos espiritas tão desorientados, os quaes com a propaganda que fazem mais prejuizo causam á doutrina do que todos os inimigos reunidos.

Muitos parabéns pois aos sr. Pacheco pela feliz estrea, e, aos apreciados collegas da «Tribuna Espirita», que nesta casa tem grandes admiradores, enviamos um bouquet de fraterna solidariedade, composto das mais finas rosas de nosso coração, pelo muito de amor e estoicismo com que se consagram á divalgação do Espiritismo.

Do Rio de Janeiro.

O Roceiro e o Vigario, de Deocleciano Fontenelle Pacheco, editado pela Tribuna Espirita, do Rio de Janeiro, é um interessante livrinho em linguagem simples e correntia ao alcance de todas as intelligencias.

Dialogos entre um roceiro esclarecido pelas verdades espiritas e um vigario cego pela fé catholica. Recomendamos a todos os leitores, especialmente á classe menos culta e ás creanças, que irão assim aprendendo sem esforço os principios da doutrina de Kardec.

Do Alma e Coração.

Fazendo as transcripções acima, agradecemos aos prezados collegas que as expenderam e damos aos nossos leitores a nomenclatura por ordem chronologica das nossas edições de propaganda.

Ultimas novidades litterarias:

Catecismo Espirita	\$500
Cosinha Espirita	\$500
Qual a religião que devemos ensinar aos nossos filhos...	\$800
Na Margem Opposta, enc. ... broch.	\$500
O Desequilibrio Social, enc. ... broch.	\$2000
O Roceiro e o Vigario, broch. ... enc.	\$500
Crepusculares. Costos e phantasmas, por José Ramos Nogueira.	\$500
A sabir:	
Guia Prático do Medium Curador, enc. 28 broch.	\$1000
Perdão-te por Amélia Soler, 8 volumes enc. 168 broch.	\$8000

Pelo correio mais \$300 por volume.

A ENFERMA

Do amigo Angelo Bittencourt.

Noite de Maio. Uma chuva torrencial desabava sobre a cidade transformando as ruas em verdadeiros rios. Silencio profundo; tudo era trevas, dir-se-ia que a Natureza estendia sobre a terra um pesadissimo manto de luto; unicamente as aguas murmuravam em sua passagem um cantico fúnebre. Aqui e alli destacavam-se os vultos negros dos combustores que mal faziam scintillar uma luz baça e amor-tizada. — Com grande difficuldade atravessamos essas ruas transformadas repentinamente em fulminantes e chegamos ao termo que nos havia impellido a afrontar o poderio da Natureza. Era uma casa de antiga construcção, entre as suas companheiras assignalava um passado retrogrado. Entre-mos. Um fetido nauceabundo partia dos diversos compartimentos; risadas estridentes e gemidos abafados se confundiam; gritos e blasphemias ecoavam naquella interior tão cheio de miseria.

Depois de percorreremos uma serie de estreitos e escuros corredores, penetramos num pequeno comodo, onde a luz dum lampião de kerosene mostrava as suas paredes já enegrecidas pela fumaça; alguns quadros de pobre moldura ornamentavam-nas. — Sobre um leito de madeira repousava uma mulher cujo rosto se destacava das cobertas, para contemplar aquelles que de si se approximavam.

Moça ainda, de physionomia cada-verica, deixava transparecer os traços de uma belleza que fenecia por grave enfermidade. Ao fixar os seus grandes olhos sobre nós deixou escapar um prolongado gemido, enquanto mostrava os alvos dentes que brilhavam aos reflexos da luz do kerosene, para nos offerir um riso cheio de gratidão.

Envolta na maior miseria deixava transparecer os vestigios das noites em que se entregava á orgia e á corrupção. Approximamo-nos de sua cabeceira e apertamos-lhe suas mãos brancas e gelidas. Longe do lar paterno e entregue ao abandono, tinha somente agora a comizeração daquelles que a procuravam pelo sentimento de caridade.

—Quadro verdadeiramente desolador, perdido pelo cinzel de habil pintor e pela pena de inspirado poeta, ali permanecia ao abandono e na indifference.

A mulher esta creatura tão digna de compaixão, é quasi sempre victima dos instinctos brutos do homem, que a arrasta muitas vezes ao ultimo degráo social.

Estabelecemos com a abandonada enferma uma pequena palestra, fazendo-lhe sentir a necessidade duma regeneração e ella deixava cahir sobre as nossas palavras lagrimas que bem traduziam a elevação de sua alma.

Cá fora a chuva havia cessado e as aguas diminuído consideravelmente; os vehiculos já transitavam de um para outro lado. Nos corredores ouviamos o resonar de muitos infelizes que, cansados de uma vida atribulada e misera, procuravam no repouso o esquecimento por algumas horas.

Um baque monotonico se fez em nossa passagem, era uma velha porta que se abria e fechava em seguida, nos restituindo a liberdade das ruas, donde contemplávamos agora o palio infinito que começava a se limpar.

Desde aquella noite tão cheia de consternação para nós, não mais abandonamos a pobre enferma, tomamos-a aos nossos cuidados e começamos a ministrar-lhe os primeiros curativos de accordo com a nossa therapeutica.

Pouco a pouco as melhoras se foram operando, o sangue já começava a tingir-lhe as faces desbotadas e o seu organismo cadaverico se transformava. Bem longo e doloroso foi o tratamento.

Numa manhã de verão em que o sol começava a infiltrar sobre a terra os seus primeiros raios, durante todos os seus recantos, abandonamos aquella mansarda depois de retirarmos da enferma a ultima ligadura. Completamente restabelecida preparava-se para de novo gosar a liberdade privada por tanto tempo. — Estava cumprido perante a nossa consciencia o dever que havíamos assumido.

Não mais tornamos a ver nossa cliente, não a procuramos.

Uma tarde em que fazíamos o nosso habitual passeio, paramos extaticos diante de um negro cartaz pregado no exterior de um café cantante da mais baixa esphera, que ostentava em grandes letras estes dizeres: reappriação da graciosa e estimada cantora M...

ALBERTO M. DE OLIVEIRA.

Proibição astuta.

A igreja catholica possui uma arma de combate valiosissima, especialmente para exercer dominio discricionario sobre as consciencias atropiadas pela ignorancia. E' a prohibição que estabelece, com um despotismo inquisitorial, aos seus adeptos no sentido de evitar a todo transe que elles examinem qualquer outra doutrina diversa da romana. Só este facto seria bastante para trazer ao espirito do crente a desconfiança se a sua psychologia não traduzisse a abdicção total da faculdade racionadora.

Efectivamente, qual pode ser o motivo porque as autoridades religiosas anathematizam systematicamente toda forma especulativa visando esclarecer as sombras de certos dogmas pertencentes á sua cartilha?

O catholicismo é ou não é a verdade absoluta, intangivel, desafiando o perpassar dos seculos, sempre de pé no meio dos escombros accumulados ao bater das ondas reaccionarias do progresso que substitue por novas as velhas instituições?

Se representa de facto essa verdade decantada em todos os tons pelos corypheus da sacra litteratura, a analyse das demais doutrinas só traria como consequencia fazel-a sobresahir num magnifico relevo em comparação com as suas tão odiadas competidoras. Se o caso, porém, não corresponde a esta affirmativa então sim, prohibir o exame em materia de fé religiosa na conservação dos ingenuos, mantendo-os pelo terror, ao posto do tradicionalismo absorvente que nega ao principio religioso o caracter de evoluir como todas as cousas evoluem.

Por formas que, muito de industria, o clero incute nas massas a subservencia intellectual.

Sabe perfeitamente qual seria o resultado desastroso se consentisse na apreciação de outros credos por parte dos que se acham fascinados sob o guante de suas impugnações egoisticas.

O catholicismo para se conservar na seita dos papas, necessita fechar a razão a todas as luzes ambientes. Apparece ali uma escola philosophica apoiada em factos da ordem natural, em principios de alta e profunda sciencia mas fóra de qualquer ligação com o Vaticano, está condemnada desde berço.

O papa se apressa em repudiá-la usando o latim das encyclicas para armar ao effeito perante a visão da imbecillidade genuflexa.

O mundo catholico bate nos peitos em signal de obediencia. E acabou-se. Não ha forças que o demova da resolução teimosa de inactivar com epithetos grosseiros, com insultos violentos a tudo quanto se afasta do seu circulo de ferro, intransponivel. Chamam a isto organização, disciplina espirital. Aceitamos o mas só se for com o titulo que lhe fica a matar de — formidavel organização de todos os absurdos consagrados pela rotina, repudiados in totum pela sciencia.

VIANNA DE CARVALHO.

VARIAS

Tratando de negocios esteve nesta capital em dias do mez recente e distinguio-se com a sua visita o nosso prezado confrade e amigo Sr. Luiz de Mattos, presidente do Centro Espirita Amor e Caridade, da cidade de Santos.

O nosso illustre confrade acompanha-nos na digressão que fizemos a Niteroy em 17 do passado, tomando parte na conferencia realizada por esta folha na sede da Federação Espirita do Estado do Rio, agradando imenso, quer pela sua facilidade de expressão, quer (e principalmente) pelos seus profundos conhecimentos sobre a nossa doutrina, que o tornam um convicto a ponto de desmentir a que contestem as suas asserções.

E' que o nosso amigo Mattos tem, nos frutos do Centro de que é presidente, factos irrefragaveis por todos os negadores.

Que os bons espiritos continuem a amparar o bem servir a causa humana são os votos que ardentemente fazemos.

Em 17 de Maio do corrente anno, compareceu-se em Fortaleza, E. do Ceará, o nosso distincto confrade e dedicado auxiliar desta casa, Sr. Theodorico da Costa Barros.

Felicitamos sinceramente o nosso prezado companheiro de luctas e almejos para o auxiliar as bemfizes do céo.

Da Sociedade Espirita União e Caridade, cuja sede é em Taubaté, recebemos um exemplar de seus Estatutos.

Gratos pela distincção.

Sob o nome «São Luiz» fundou-se a 16 do p. passado em Amparo, E. do Rio, um novo Grupo cujo fim é propagar a nossa doutrina e cuja primeira administração ficou assim constituída:

Manoel Christiano Alves, presidente dos trabalhos; Fernando de Souza Ribeiro, presidente da directoria; Melchior Batoni, 1º secretario; Manoel Teixeira, 2º secretario; José Carneiro, thesoureiro; e Francisco Azevedo, procurador.

Que os nossos confrades de Amparo se reanimem de sentimentos bastante altruisticos para poderem ser bem auxiliados, são os nossos votos.

Não estamos mais só em presença dos tres estados classicos: solido, liquido e gasoso.

Para além d'este ultimo, estende-se uma area immensuravel povoada por modalidades substanciaes nunca presentidas nos subtos das induções que nos precederam.

Foi provavelmente d'ahi partida a inspiração contida n'esta passagem tão clara quão profunda de Gabriel Delanne:

«Os espiritos nos ensinam que esses estados diferentes de rarefacção representam o que chamamos fluidos: existe um grande numero d'elles, tão diferentes por suas propriedades quanto os diferentes estados da materia o são para nós. Continuando a condensação da materia unica, o movimento atomico vai sem cessar diminuindo e então apparecem as multiplicas manifestações da energia que chamamos forças naturaes: ellas trazem-se pela vibração do ether; em seguida o movimento original d' minuido sempre de amplitude a rarefacção primitiva torna-se menor e a materia apparece n'essas pallidas nebulosas que occupam no seio do infinito, logares detrançados, onde desenvolvem-se háo os futuros universos».

A genese dos systemas planetarios apparece assim sob um fulgor de verdade simples, desataviada de embaracosas fluctuações e imponente na sua generalidade universal.

Força, movimento, materia casam-se intimamente no fluido primitivo — reservatorio de todas as possibilidades virtuosas ou objectivadas nos diversos planos da Creação.

A lei das condensações gradativas impéra como dominadora absoluta.

Tanto produz o atomio em sua minuscula e invisivel estrutura quanto dá corpo aos gigantes luminosos do céo arrastando os seus cortejos atraves das extensões que se enfileiram na interminavel sequencia da insondavel immensidade.

(Continúa)

VIANNA DE CARVALHO.

CENTRO ESPIRITA "ANTONIO DE PADUA"

Esta associação commemorou em 21 do passado o 29º anniversario da sua fundação com uma sessão magna, que esteve bastante concorrida.

E' isto motivo para felicitarmos aos nossos confrades do Centro Antonio de Padua, porque representa um trabalho de congragamento digno, sob todos os pontos de vista.

Seja-nos permittido, porém, lastimar que esses irmãos, sem duvida bem intencionados, escolhessem esse dia, que devia ser todo de expansões fraternas de sentimentos christãos, para apontar defeitos de sociedade ás irmas dignas de todo o acatamento, isto em meio de um auditorio em que havia confrades e não confrades.

A roupa suja lava-se em casa (desculpe-se-nos o termo) e, se a administração actual da sociedade accusada, não satisfaz, é de boa razão substituí-la por outra que, a juizo dos competentes, melhor desempenhe a sua missão, em lugar de estarmos a atacar uma instituição que todos devemos amparar como pivot uniformizador da missão espiritaica.

Desculpem-nos os nossos confrades do Centro «Antonio de Padua», pela franqueza com que expomos o nosso modo de ver, pois assim fazendo temos o dever de acertar.

Agradecemos a maneira captivante por que nos trataram.

Caridade!

Tu és a virtude sublime que emana do seio amantissimo de Jesus, o meigo, o doce, o humilde pastor da Galiléa.

Tu és a virtude que orna a fronte illuminada dos grandes vultos do além, assignalando os mensageiros do Pai celeste, os delegados de seu filho — o Christo — o enviado.

E' tudo isso porque, a todo o instante, irradias o teu manto luminoso e alvinitente sobre todas as ovelhas do bom pastor, que assim encontram protecção e amparo consolidando na terra a sua grande obra, o seu unico desejo, o de amarmos-nos uns aos outros, afim de, um dia, todos reunidos á farta mesa dos festins celestiales, commun-garmos no miramos ideaes de amor, de paz e de gloria.

Caridade! caridade, tu és a vida, a fonte christalina e pura do amor infinito do Pai; tu és o caminho, a estrada ampla e interminavel do progresso espirital, tu és a luz, o sol aurifulgente da verdade que illumina as consciencias, que aquece os corações, dissolvendo as trevas accumuladas pelas imperfeições materiaes ao surgir magestoso de tua aurora resplendente de suaves tonalidades que irradiam carinho e affecto, dedicação e meiguice,

NELSON DE CASTRO.

Ressaquinha, Setembro de 1911.

CHARITAS.

Perdão-te

O titulo que encima estas linhas é de um primoroso livro que acaba de surgir á luz da publicidade, editado pela Casa Editora Psychica.

De um sem numero de escriptores modernos, alguns ha que inesperadamente, apparecem a abrilhantar a litteratura universal, como a senhora Amalia Domingo Soler, autora do «Perdão-te», cujo talento apparece agora á scintillar nas sumptuosas paginas dessa grande obra.

O Perdão-te, além de ser um livro attraente pela elegancia do estylo, é ainda muito instructivo pela historia que nos vem contar um espirito, das diferentes encarnações que teve na terra, nas quaes, cada passagem é uma lição de moral e de philosophia como só se encontram no código christão.

Tenho em mãos o primeiro volume que tracta dessa tristissima historia.

Iris era uma moça dotada de uma belleza extraordinaria, a ponto de embriagar de amores a Antullo, o maior sabio d'aquella época, e este ao ver aquelle todo de perfeição, não ponde furtar-se ao prazer de dizer-lhe: «Filha da Luz, eu me proastro a teus pés, porque a tua formosura e a correcção de tuas formas me dizem que existe Deus, pois só Elle podia crear-te tão bella!...»

Mas... Antullo se enganara; não era ella filha da luz e sim das trevas, porquanto o orgulho da sua belleza arrastara o seu espirito para o caminho das perversões...

Mais tarde, porém, o espirito de Iris se regenera; isto depois de muitas encarnações, porquanto na mesma encarnação em que Iris se apresentara como a mais linda de todas as mulheres de sua época, se vira, todavia, poucos annos depois, no mais deploravel estado de decadencia, chegando mesmo a dormir ao relento e a mendigar de porta em porta.

A leitura deste volume fez-me lembrar o que disse Alexandre Herculano: «Orgulho humano, qu'il és tu mais? Feroz, estúpido, o ridiculo?...»

Creio que as tres cousas ao mesmo tempo.

Oh! virgens formosas e pusillanimas que ostentais em vosso corpo os esplendores da belleza, não vos orgulheis, que a belleza é ephemera como as flores que se desfolham ao primeiro sopro do outunno. Não imiteis a Magdalena nem a Iris, que, quando vos accordardes será tarde. Procurae embelezar o vosso espirito que é eterno e não está sujeito ás tristes e deploraveis metamorphoses da vida material...

E' a razão porque digo ser o Perdão-te um livro instructivo, pois que, reunindo todas as perfeições, faz transparecer ainda este primoroso fundo de moral sciencia.

E' pois, o Perdão-te, mais uma estrellita bonançosa que acaba de apparecer illuminando a senda do nosso porvir.

